

CONTRIBUIÇÃO DE MATTOSO CÂMARA AOS ESTUDOS DE FONOLOGIA PORTUGUESA

Horácio Rolim de Freitas (UERJ – ABF)

A Ciência Fonológica

O Círculo Lingüístico de Praga, fundado em 1926, em Praga, teve como principais participantes o príncipe russo Nikolai S. Trubetzkoy, Roman Jakobson e Serge Karcevskÿ. Em 1928, no 1º Congresso Internacional de Lingüistas, apresentaram um trabalho sobre a distinção entre os sons da fala e os sons da língua. Editaram uma revista anual, a partir de 1929, intitulada *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*.

O número nove, saído em 1939, é a obra de Trubetzkoy, falecido um ano antes, os *Grundzüge der Phonologie*. O autor, apoiando-se na dicotomia saussuriana *langue* e *parole*, fez a grande distinção entre Fonética e Fonologia. Esta a ciência que trata dos sons da língua, aquela, dos sons da fala.

O estudo sobre o sistema de fonemas foi apresentado naquele Primeiro Congresso Internacional de Lingüistas, realizado em Haia. A Fonética compreenderia o estudo dos fatores naturais dos sons da fala humana, quer sejam as vibrações da corrente de ar que a eles correspondem, quer as posições dos órgãos que os produzem. A Fonologia atual, ao contrário, estuda não os sons, mas os fonemas, isto é, os elementos constitutivos do significante lingüístico.

A distinção de Trubetzkoy difere basicamente da distinção feita por Saussure para quem a Fonologia estudaria a fisiologia dos sons e a Fonética, a sua evolução. Segundo o príncipe russo¹, Saussure, para descrever os fonemas, admitiu o método já empregado pelos foneticistas. Cita, resumidamente, a distinção saussuriana. Para maior compreensão, transcrevo a passagem das páginas 55 e 56 do *Cours*.²:

“La physiologie de sons est souvent appelée “phonétique”. Ce terme nous semble impropre; nous le remplaçons par celui de phonologie.

¹ N. Trubetzkoy E. Sapir y Otros, *Fonología y Morfología*, 3ª ed., Buenos Aires, Editorial Paidós, 1972, pág. 16 (trad. de Carlos A. Fayard)

² Saussure, F. *Cours de Linguistique Générale*, Paris, Payot, 1955.

Car phonétique a d'abord désigné et doit continuer à désigner l'étude des évolutions de sons; l'on ne saurait confondre sous un même nom deux études absolument distinctes. La phonétique est une science historique; elle analyse des événements, des transformations et se meut dans le temps. La phonologie est en dehors du temps, puisque le mécanisme de l'articulation reste toujours semblable à lui-même."

Coube a J. Baudouin de Courtenay chamar a atenção para a diferença fundamental entre os sons da linguagem humana e as imagens fônicas que compõem as palavras de uma língua, concluindo existirem duas disciplinas científicas assim explicitadas: uma que tem por objeto os sons, com base na fisiologia e na física, a que chamou fisiofonética; outra que estuda as imagens fônicas em suas funções lingüísticas, aparentada com a psicologia, a que denominou psicofonética.

Embora tenha fixado o termo fonema nos estudos da ciência da linguagem, Courtenay definiu-o sob o aspecto psicológico: "o equivalente psíquico do som."

Trubetzkoy já considera "errôneo" o caráter psicológico defendido por Courtenay, uma vez que, embora os sons possuam fenômenos psicofísicos, não é o caráter unicamente psíquico que distingue o fonema do som, mas o caráter diferencial, que faz dele um valor lingüístico. É clara sua explicação na seguinte passagem:³

"Le phonème ne peut être défini d'une façon satisfaisante ni par sa nature psychologique, ni par ses rapports avec les variantes phonétiques — mais seulement et uniquement par sa fonction dans la langue."

Para o fonólogo o som é apenas o símbolo material do fonema. Ele procura estudar as diferenças que cada usuário percebe em sua língua materna, que servem para diferenciar o sentido das palavras. Por outro lado, ao foneticista cabe penetrar nos órgãos articulatórios e perscrutar o mecanismo de seu funcionamento em todos os detalhes. Explica ainda Trubetzkoy que, enquanto a fonética procura detectar "o que se pronuncia na realidade", a fonologia detecta "unicamente o que se crê pronunciar".

Daí a necessidade de "duas disciplinas científicas inteiramente diferentes", tendo ambas objetos e métodos diferentes. O foneticista, por exemplo, que é um atomista ou individualista, estuda cada som da palavra humana isoladamente, sem relação com os demais sons da mesma língua. Tal procedi-

³ Troubetzkoy, N. S. – Principes de Phonologie, Paris, Éditions Klincksieck, 1967, pág. 44.

mento não é possível ao fonólogo, visto que o fonema é um elemento diferencial, o seu valor lingüístico só pode ser definido em relação com os demais fonemas do sistema lingüístico em estudo, conforme o princípio saussuriano⁴: “sua característica (do fonema) mais exata é a de ser o que os outros (fonemas do mesmo sistema) não são.” A Fonologia é universalista no sentido de que se ocupa do sistema como um todo, estudando-lhe a estrutura. Cabe-lhe o estudo de todas as funções lingüísticas das oposições fônicas, incluindo aí a fonologia léxica, a fonologia morfológica ou morfonologia e a fonologia sintática, como bem observou S. Karcevsky em *Sur la phonologie de la phrase (Travaux du Cercle Linguistique de Prague – IV)*⁵

Trubetzkoy destaca, como predecessores da moderna fonologia, Saussure, por ter comprovado que importam na língua as oposições fônicas, não os sons, e que os fonemas só existem como membros de um sistema e, por outro lado, Baudouin de Courtenay, a quem se deve a distinção entre som e fonema. Embora o termo fonema já existisse na Grécia antiga, significando enunciação ou voz, coube a Courtenay revivê-lo, por sugestão de seu discípulo Kruszewski, sob novo conceito. Conclui que Courtenay apresenta “idéias mais claras que as do sábio de Genebra” em relação à diferença entre sons e fonemas.

Ressalte-se que Baudouin de Courtenay foi considerado um dos maiores lingüistas do século XX, sendo equiparado por Meillet a Saussure, Schuchardt e Jespersen.⁶

Finalmente, Trubetzkoy faz referência à fonologia histórica, cujo estudo deve ser feito pelo sistema fonológico como uma entidade orgânica em desenvolvimento, levando-se em conta dois princípios fundamentais⁷:

1° : o que se acha sujeito à evolução não são os fonemas ou os sons isolados, mas o sistema fonológico;

2° : toda evolução de um sistema como tal se acha guiada pela tendência até um limite.”

A erudição de Trubetzkoy pode ser avaliada também pelo número de línguas exemplificadas na demonstração das possibilidades articulatórias na linguagem humana. São 234, inclusive a língua portuguesa. Cita línguas antigas,

⁴ Saussure, op. cit., pág. 162.

⁵ N. Trubetzkoy E. Sapir y Otros, pág. 25.

⁶ Silva Neto, Serafim da – Estudos Lingüísticos na Rússia, in Boletim de Filologia, nº2, 1946, pág. 90

⁷ Op. cit., pág. 29

línguas clássicas, línguas modernas e até línguas de “povos mais ou menos primitivos”

Cabe ainda lembrar de passagem que o termo fonologia não é de uso generalizado entre os lingüistas. No Círculo Lingüístico de Copenhague, de Hjelmslev, adotou-se o termo fonemática. Os americanos preferem fonêmica, termo que, na opinião de Fischer -Jorgensen “é independente e cômodo, sua formação está paralela à fonética, e ela corresponde ao uso americano.”⁸

Mattoso Câmara e os Estudos de Fonologia

Como vários outros campos dos estudos de língua portuguesa, a Fonologia mereceu de Mattoso Câmara descrição atualizada sob os modernos critérios científicos.

É oportuno lembrar que os termos Fonologia e fonema foram anteriormente empregados por outros autores. José Oiticica usou-os na obra *Estudos de Phonologia*, publicada em 1916, tese de concurso defendida no Colégio Pedro II. Claro que, pela época, o termo Fonologia não retratava o caráter científico que mais tarde iria adquirir. Outro importante gramático, Mário Pereira de Souza Lima, na obra *Gramática Portuguesa*, de 1945, em nota de rodapé, já alude à distinção entre Fonética e Fonologia, e entre som e fonema. Faz referência a Trubetzkoy, através da citação de um artigo intitulado *La Phonologie Actuelle*, inserto na obra *Psychologie de Langage*, de 1933. Mas é só. Não desenvolve nem aplica nenhum princípio da Fonologia do príncipe russo.

As idéias da novel ciência, desenvolvida pelo Círculo Lingüístico de Praga, foram introduzidas no Brasil por Mattoso Câmara em trabalho publicado no *Boletim de Filologia*, n° 2, de junho de 1946, onde faz uma Resenha dos *Grundzüge der Phonologie*, de Trubetzkoy, diretamente do alemão.

Em 1949, também no *Boletim de Filologia*, n° 9, Mattoso Câmara publica o último dos três capítulos de sua tese de doutorado, defendida na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, intitulada *Para o estudo da fonêmica portuguesa. Os fonemas em português*.

Embora tenha optado pelo termo fonêmica, de uso preferido pelos americanos, e cunhado por Bloomfield, os princípios científicos estão consubstanciados na obra do príncipe russo.

A grande divulgação das idéias de Trubetzkoy, não só em língua portuguesa, mas também nas demais línguas românicas, só foi possível a partir de

⁸ Fischer-Jorgensen, Eli – Remarques sur les principes de l’analyse phonémique, in *Readings in Modern Linguistics, An Anthology* by Bertil Malmberg, Stockholm, Mouton, 1972, pág. 137.

1949, com a tradução de Cantineau para o francês. A obra em francês mereceu, também, resenha de Mattoso Câmara, publicada naquele *Boletim de Filologia*, nº 9, ressaltando, ali, a importância da edição, destacando dois motivos. Primeiro, por estar enriquecida de informações de caráter biográfico e bibliográfico feitas por R. Jakobson. Segundo, pelo acréscimo de uma série de *Apêndices*, reunidos por Cantineau, de traduções de outros trabalhos de Trubetzkoy e de R. Jakobson.

De passagem, cumpre ressaltar a importância da obra de outro eminente lingüista. Refiro-me a Emílio Alarcos Llorach que, em 1950, publicou *Fonología Española*, Editorial Gredos, Madrid, em que o autor, com mestria, aplica, de maneira clara e precisa, os princípios de Trubetzkoy ao sistema fônico do espanhol. Sobre a contribuição de Mattoso Câmara, vamo-nos deter aqui no problema das chamadas vogais nasais em português.

Já no começo do séc. XX, Oskar Nobile publica na revista “*Die neuen Sprachen*”, em 1903, um capítulo sobre as vogais nasais em português, cuja tradução consta da revista *Littera* nº 12 (1974).

Nobile procura explicar o problema do traço de ressonância nas vogais e ditongos do Português do Brasil. Parte de fatos sincrônicos, explica-a foneticamente e apresenta farta justificativa histórica. Para Nobile a realização das vogais nasais do Português efetua-se de modo distinto da realização no Francês. Por exemplo, “nunca ocorrem isoladas, pelo contrário, são sempre seguidas de um outro som nasal (consoante)”. Distingue o autor nasalidade forte, como em: CONTO / kōntu / , e nasalidade fraca, como em : COMO / kōmu / , o que corresponde, na descrição fônica de Mattoso Câmara, à sílaba travada por arquifonema nasal /N/ e à vogal em sílaba livre com resíduo nasal. Conclui Nobile: “chega-se, assim, ao atual estado em que toda vogal, ou ditongo nasal tem como apoio uma consoante nasal subsequente”.

Com outras palavras, Nobile admite radical diferença entre as vogais nasais francesas e as ditas vogais nasais em Português, bem como a existência de consoante nasal subsequente à vogal.

A existência de língua em que a nasalidade não é traço distintivo nas vogais é admitida nos “Princípios”⁹, de Trubetzkoy, na seguinte passagem:

“Très souvent les voyelles phonétiquement nasalisées ne sont que des réalisations d’un groupe de phonèmes “voyelle + nasale et les voyelles accompagnées d’un bruit de frottement laryngal ne sont que des réalisations d’un groupe formé d’un phonème vocalique et d’un phonème consonantique laryngal”. (O grifo é nosso)

⁹ Op. cit., pág. 134.

É o tratamento que dá Mattoso Câmara às nossas vogais ditas “nasais”, baseando-se no postulado de R. Jakobson: “Só são possíveis vogais nasais numa língua em que haja contraste distintivo entre vogal nasal e vogal mais consoante nasal, como acontece no Francês: /bõ/ (masc. bon) — /bon/ (fem.) bonne)”.¹⁰

Daí ter Mattoso Câmara excluído do nosso sistema fônico o quadro das vogais nasais.

A explicação deste critério na classificação das vogais em Português mereceu crítica de alguns eminentes estudiosos de nosso idioma. Aludem, por exemplo, à oposição lã / lá onde vêem distinção oral / nasal. Mas, no critério admitido por Mattoso Câmara, a oposição não se faz pelo traço de nasalidade, mas por se encontrar a vogal em sílaba travada e em sílaba livre. A mesma distinção podemos observar em mar / má.

É o princípio da posição silábica que norteia Mattoso Câmara, aplicando-o na classificação das vogais, na determinação de arquifonemas consonantais /S/, /R/, /N/ e na classificação das ditas “vogais nasais”.

Enquanto em posição inicial e medial, por exemplo, verifica-se a distinção das constrictivas anteriores /s/ – /z/ como em: sela / zela; assa / asa, em posição final desaparece a oposição: pus / luz que, na pronúncia do Rio de Janeiro, se efetua /S/, isto é, numa constrictiva “anterior nitidamente palatalizada”¹¹. Surge o arquifonema assim explicado por Trubetzkoy: “*Par “archiphonème” nous entendons l’ensemble des particularités distinctives qui sont communes aux deux phonèmes*”.¹²

O mesmo sucede com as consoantes nasais, em posição inicial e medial, como em mata / nata; cama / cana, cuja distinção se faz entre a labial e a ântero-lingual. Em situação final, contudo, dá-se a neutralização, surgindo o arquifonema nasal que conserva daqueles fonemas apenas o resíduo nasal, como nos vocábulos ambos e antes /N/.

Assim, para Mattoso Câmara, a oposição entre campo e capo; brando e brado; minto e mito não se faz entre vogal oral versus vogal nasal. Aplicando o princípio de sílaba livre e sílaba travada, considera em campo, por exemplo, um grupo de vogal oral + arquifonema nasal /N/, produto da neutralização de /m/ e /n/ quando posvocálicos na mesma sílaba; e em capo, ca – sílaba livre.

¹⁰ Para o estudo da fonêmica portuguesa, pág. 92.

¹¹ Op. cit., pág. 111.

¹² Op. cit., pág. 81.

“O único argumento contra essa interpretação”, diz-nos Mattoso Câmara,¹³ “a rigor é de que, na “vogal nasal” portuguesa, nós “sentimos” a vogal nasal e “não sentimos qualquer consoante nasal em seguida”. É um argumento de ordem psicológica e não de ordem estrutural”.

O referido autor conclui a explicação do critério adotado, com estas palavras: “A nasalidade pura da vogal não existe, aliás, fonologicamente, porque por meio dela não se cria contraste distintivo com a vogal seguida de consoante nasal”.¹⁴

Observem-se os vocábulos: lã (sílabas livres) e lã – lama, em que não há oposição entre lã e a sílaba la de lama, cuja vogal, como variante, recebe um resíduo nasal.

Mattoso Câmara aplica rigorosamente o princípio da oposição distintiva conforme lição de Trubetzkoy:

*“On ne doit jamais oublier qu’en phonologie le rôle principal revient non pas aux phonèmes, mais aux oppositions distinctives. Un phonème ne possède un contenu phonologique définissable que parce que le système des oppositions phonologiques présente une structure, un ordre déterminés.”*¹⁵

Para comprovar que o travamento da sílaba se faz por meio de elemento consonântico nasal, Mattoso Câmara aduz os seguintes exemplos:

1° – Depois de sílaba nasal, o /r/ prevocálico nunca se realiza brando, como ocorre estando intervocálico: hon / ra (não como hora); gen / ro (não como gero).

2° – Não há vogal nasal em hiato: u / ma (nunca um /a) . Em outro exemplo, o elemento nasal se desloca para a sílaba seguinte: valentão — valento/na.

3° – Não se dá a elisão quando o 1° vocábulo termina por elemento nasal: lã azul (não lãzul); jovem amigo (não jovamigo).

Apresenta, ainda, uma argumentação de ordem diacrônica: “A sonorização, na passagem evolutiva para o português, só se deu após a completa desnasalização: mensa – mēsa – mesa /z/; pensare – pēsar – pesar /z/. Com a presença do elemento nasal, os grupos -pl- e -cl- não evoluíram como intervocálicos, como se pode constatar na comparação entre: oclu > olho e amplu > ancho; macla > malha e mancla > mancha .

¹³ Problemas de Lingüística Descritiva, pág. 30.

¹⁴ Problemas de Lingüística Descritiva , pág. 31 e História e estrutura da Língua Portuguesa, pág. 64 e 65.

¹⁵ Op. cit., pág. 69.

Esse traço de nasalidade ocorreu também com a vogal em hiato, que é desfeito pelo aparecimento de um fonema consonântico de transição de que são exemplos os vocábulos: uma < ãa (do /u/, que é labial, advém um fonema labial nasal /m/); minha < ãia e ninho < ãio (do /i/, que tem o traço palatal, advém um fonema palatal nasal /ñ/).

Uma possível oposição entre presente e perfeito do indicativo, na 1ª pessoa do plural, nos verbos da 1ª conjugação: cantamos (a) / cantamos (a) , que durante algum tempo se procurou fazer, em certos grupos sociais, é criticada por Mattoso Câmara que a considera “falsa distinção”, “sensivelmente artificial”. Lembra que A. Nascentes não a levou em conta e que o /a/ fechado foi excluído do quadro das vogais, de acordo com as conclusões do Primeiro Congresso de Língua Cantada. Vai mais além e põe em dúvida a existência de um fonema /a/ fechado “na pronúncia coloquial espontânea no próprio Portugal”.¹⁶

O mesmo critério é aplicado por Mattoso Câmara na classificação dos ditongos, que devem ser analisados como ditongo oral seguido de arquifonema nasal: mãe / ayN /.

Aliás, à mesma conclusão chegou Nobiling, com já foi demonstrado.

No levantamento dos ditongos nasais, isto é, seguidos de arquifonema nasal /N/ é digna de nota a análise fônica feita por Mattoso Câmara, quando exclui do elenco o ditongo /eyN/, registrado em inúmeras de nossas gramáticas. Enquanto os ditongos /awN/ irmão; /ayN/ mãe; /oyN/ pões; /uyN/ muito contrastam com vogal seguida de arquifonema nasal: /aN/ irmã ; /oN / pom-pom; /uN/ unto, na terminação -em: bem, vintém, também, não se cria oposição distintiva com /eN/.

Existe, realmente, uma forma ditongada /eyN/, sem, contudo, apresentar valor fonológico. É preciso diferir ditongo difonemático¹⁷ de ditongo monofonemático¹⁸. Este constitui a realização fonética ditongada de um só fonema (/e/ — /ey/ ou /i/ /iy/ como nos vocábulos: bem, vis, ao passo que aquele (difonemático) representa a realização de dois fonemas (vogal base e vogal assilábica). É oportuna a explicação de Mattoso Câmara: “Num contexto nasal, os únicos ditongos de valor fonêmico são aqueles nos quais a vogal base não é homorgânica da semivogal (-ãe, -õe, -ão, isto é, /ayn/, /oyN/, /awn/,) mas não /ey/, que não é senão a realização fonética do /e/ nasal.”¹⁹

¹⁶ Para o estudo da fonêmica portuguesa, pág. 71.

¹⁷ Nomenclatura usada por Emílio Alarcos, pág.103.

¹⁸ Ou monofonêmico na nomenclatura de Mattoso Câmara (Dicionário).

¹⁹ Dispersos, pág. 91, nota 4

Conclui-se que o ditongo /eyN/ é de ordem fonética, não fonológica, sem, portanto, pertinência no sistema fônico do Português. A considerar o ditongo /eyN/ como difonemático, teríamos, obviamente, de considerar /iy/ , como no vocábulo vis.

Do exposto vê-se quão importantes são os princípios da ciência da linguagem, quando exequíveis e objetivos, para a economia da língua e para a descrição precisa dos fatos lingüísticos.

A argúcia de Mattoso Câmara, que se fez sentir em vários setores dos estudos de língua portuguesa, nem sempre tem merecido aceitação dos estudiosos patrícios.

É motivo, no entanto, de satisfação quando se verifica que os lingüistas, ainda que por caminhos diversos, chegam às mesmas conclusões. Coincidindo com a explicação de Mattoso Câmara, está a opinião de um dentre os maiores lingüistas: Bertil Malmberg que, justamente em relação à língua portuguesa, assim se expressa: “É preciso, também, discutir o lugar das vogais nasais no sistema português. Eu não entro em detalhes e me contento em assinalar que diversos fatos lingüísticos falam em favor de uma interpretação de nasais portuguesas como uma seqüência de vogal + arquivonema nasal, realizada ora como uma verdadeira consoante nasal (com oclusão) precedida de uma nasalização combinatória, ora como uma simples ressonância nasal sem elemento consonântico independente”.²⁰

Ainda que pelo princípio de comutação se distingam palavras, pela oposição oral / nasal, sob o critério fonologicamente demonstrado, fica comprovada a inexistência de vogais nasais em Português, o que favorece a economia da língua.

Referências Bibliográficas

ELIA, Sílvio Edmundo – *Orientações da Lingüística Moderna*, 2ª ed., Rio, Ao Livro Técnico, 1978.

E. FISCHER – JØRGENSEN -*Remarques sur les principes de l'analyse phonémique* in *Readings in Modern Linguistics An Anthology by Bertil Malmberg*, Stockholm, Mouton, 1972.

LLORACH, Emílio Alarcos – *Fonología Española* – (Secún el método de la Escuela de Prague) Madrid, Editorial Gredos, 1950.

MALMBERG, Bertil – *Phonétique Générale et Romane*, Paris, Mouton, 1971.

²⁰ Malmberg, B. – *Phonétique Générale et Romane*, Paris, Mouton, 1971., pág. 334 e 335.

_____ – *As Novas Tendências da Lingüística*, S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971.

MATTOSO CÂMARA, J. – *Resenha dos Grundzüge der Phonologie*, de Trubetzkoy in Boletim de Filologia n° 2, Rio, Livros de Portugal, 1946.

_____ – *Para o estudo da fonêmica portuguesa. Os fonemas em Português*, artigo in Boletim de Filologia n° 9, Rio, Livros de Portugal, 1949.

_____ – *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, Rio, Ed. da Organização Simões, 1953.

_____ – *Problemas de Lingüística Descritiva*, Petrópolis, Editora Vozes, 1969.

_____ – *Dispersos*, Rio, Fundação Getúlio Vargas, 1972.

_____ – *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Rio, Padrão Livraria Editora Ltda., 1975.

NOBILING, Oskar – *As Vogais Nasais em Português*, artigo traduzido na Revista Littera n° 12, 1974.

SAUSSURE, Ferdinand – *Cours de Linguistique Générale*, Paris, Payot, 1955.

TRUBETZKOY, N. – *Principes de Phonologie* – (Tradução Francesa de J. Cantineau), Paris, Editions Klincksieck, 1967.

TRUBETZKOY, N. E. Sapir Y Otros – *Fonología y Morfología* – artigo de Trubetzkoy, traduzido por Carlos A. Fayard, Buenos Aires, Editorial Paidós, 1972.